

**INTENÇÕES E TRAJETOS DE UM ARQUIVO PESSOAL NO TEMPO PRESENTE:  
OS GUARDADOS DE UM PESCADOR (FLORIANÓPOLIS/SC)**

Mariane Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca compreender a(s) intenção(ões) que podem se desenhar na construção de um arquivo pessoal e seus usos, bem como investigar os vestígios do passado que compõem o arquivo no tempo presente. Um olhar crítico é lançado na tentativa de entender a composição do arquivo pessoal, tendo em vista a possível armadilha da generalização, considerando que o processo de arquivamento não pode ser diretamente associado a um único motivo, pois as razões que operam na seleção de guarda de registros pessoais são diversas e precisam ser levados em consideração. Faz-se necessária, por tanto, uma reflexão crítica, investigar as condições de produção, a relação que o titular teve com seus papéis, a(s) intencionalidade(s) possível (eis) que rondou(aram) a construção do arquivo pessoal e sua trajetória. Para isto, busca-se analisar o arquivo pessoal de Dorico Gregório Mariano (1928-2011) que, com apoio de sua mulher Soalda Ana Mariano, construiu ao longo de sua vida. Dorico nasceu no bairro do Pântano do Sul (Florianópolis/SC), desde criança trabalhou na pesca e no cultivo de café. Soalda também nascida no mesmo bairro, quando criança fazia renda de bilro para ajudar na renda da família e já casada tornou-se dona de casa, cuidando das duas filhas e do marido. Ao longo dos anos de casamento o casal acumulou inúmeros documentos, estes que são parte do foco do presente trabalho. Vale situar que Dorico e Soalda nasceram e edificaram suas vidas sempre no Pântano do Sul. O casal se enquadra como pessoas ditas ordinárias, ou seja, pessoas simples que a partir de suas experiências, esforços e razões pessoais formaram um arquivo, este repleto de possibilidades de estudos para o pesquisador/historiador. Para construção deste trabalho, recorre-se as perspectivas da História do Tempo Presente.

**Palavras-chave:** Arquivo pessoal. História do tempo presente. Pântano do Sul.

## INTRODUÇÃO

Estavam em duas sacolas (essas de supermercado), um amontoado de papéis, alguns destes amarelados e rasgados indicando a passagem do tempo. Um arquivo pessoal se

---

<sup>1</sup> Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Educadora do Centro Educacional Marista Lucia Mayvorne e tutora do curso de História da Uniasselvi. E-mail: marianeh3@hotmail.com

conhecia a partir daquele momento. Traços de passado não tão distante sendo remexido em um tempo presente.

Este conjunto documental pertencia a Dorico Gregório Mariano, que por mais de cinquenta anos acumulou e descartou – ou seja, selecionou - esta documentação que é vista no presente artigo como um arquivo pessoal.

É comum aos historiadores imergir em um arquivo e buscar nos documentos respostas aos seus questionamentos. E já é a partir dessa primeira incursão à pesquisa que, por vezes, o historiador acaba por ignorar o arquivo em si e suas potencialidades. Em seu livro *O Lugar do Arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*, Heymann (2012b, p. 74) alerta para esta questão:

Meu objetivo, quanto a isso, resume-se a alertar para o fato de que, a despeito de sua utilização maciça em vários campos da história, e de os *documentos pessoais* terem sido submetidos a uma crítica das fontes, os *arquivos pessoais* – entendidos como conjuntos documentais resultantes de uma série de gestos e práticas, conformados pelos titulares, mas também por seus colaboradores, familiares e herdeiros, e disponibilizados por meio de estruturas institucionais que os “produzem” como fontes – não foram objeto de crítica por parte dos historiadores, seus maiores usuários.

Portanto, as múltiplas problematizações que o historiador realiza, muitas vezes, mostram-se restritas a cada documento que compõe o arquivo, sendo este num todo ignorado. O historiador usa o arquivo, faz perguntas aos documentos, em seguida, com as respostas em mãos vai embora, sem sequer compreender a importância e os percursos que permitiram o acesso ou não a determinado arquivo (seja ele pessoal ou não). Importante ressaltar, que o pesquisador acaba por não notar tal atitude, pois seu olhar está geralmente direcionado aos vestígios do passado e a sede por respostas é maior que um olhar mais apurado ao que está a seu entorno.

Compreendendo este possível “equivoco” do historiador e a importância do arquivo, busca-se olhar para o arquivo de Dorico, antes de destrinchá-lo, de investigar seus documentos. Faz-se necessária uma reflexão crítica, investigar as condições de sua produção, a relação que o titular teve com seus papéis, a(s) intencionalidade(s) possível (eis) que rondou(aram) a construção desse arquivo pessoal e sua trajetória.

Ampara-se para o desenrolar desta pesquisa a perspectiva da história do tempo presente, não somente em função do recuo temporal (considerado pequeno), mas também, em

função do momento em que se vive a aceleração da história (Nora, 1993), um momento intenso e que, por vezes, traz um apagamento nas pessoas e, estas recorrem ao ato de guardar para não esquecer. Desta maneira, “O historiador do tempo presente é também confrontado com o privilégio da “poeira” de arquivos recentes não hierarquizados, uma vez que não sabe, devido à falta de conhecimento do futuro, o que se revelará importante e o que só será acessório.” (DOSSE, 2012, p. 4). E esse confronto, dá-se nesse tempo presente com cada vez mais arquivos e saber pesquisá-los, não como um espaço cheio de documentos antigos passíveis de pesquisa, mas como algo maior, que teve intenções e trajetórias ao longo do tempo.

O historiador tem o privilégio da “poeira” de arquivos, mas precisa entender o antes da poeira, o movimento, o presente que formou o arquivo por ele acessado em outro presente.

## **O TITULAR E SUAS INTENÇÕES PARA GUARDAR**

Dorico Gregório Mariano nasceu no bairro do Pântano do Sul no dia 13 de julho de 1928. Anos mais tarde casou-se com Soalda Ana Mariano. Durante toda sua vida este senhor manteve o mesmo ofício: o de pescador. Pescava no bairro em que vivia e em algumas temporadas e por necessidade trabalhava em Rio Grande (RS), como muitos outros pescadores da sua época. Aposentou-se no final da década de 1970. Nos seus últimos anos de vida teve sérios problemas de saúde em razão de uma isquemia, perdendo o movimento das pernas e dos braços. Após seu falecimento as filhas deram seu arquivo para a neta<sup>2</sup>.

Vale também apresentar a mulher de Dorico, haja vista que, este senhor foi casado por mais de cinquenta anos e, possivelmente, a vida de casado colaborou para a construção do arquivo. Soalda Ana de Oliveira nasceu em 29 de dezembro de 1932, também no bairro do Pântano do Sul. Quando se casou com Dorico, passou a ter o sobrenome Mariano. Ajudava nas despesas da casa com a feitura da renda de bilro e cuidava das duas filhas. Tanto Dorico como Soalda estudaram até a quarta série<sup>3</sup> em uma Escola Isolada existente no bairro.

---

<sup>2</sup> A neta neste caso é a autora do presente artigo.

<sup>3</sup> Hoje denominado de quarto ano do Ensino Fundamental.

Uma pessoa simples, residente em uma área distante geograficamente do perímetro urbano de Florianópolis<sup>4</sup>, com um nível de escolaridade baixo, com pouco capital financeiro e cultural, acabou por construir ao longo de sua vida um arquivo. Mas afinal, o que se acha neste arquivo? Qual a intenção do casal ao acumular tantos papéis? E qual o trajeto percorrido por este arquivo?

O percurso feito pelo arquivo pode ser considerado curto, se pensado em termos de distância geográfica. Dorico e Soalda sempre moraram na mesma casa, o que demonstra que poucos foram os passos dados por esse conjunto documental. Com o falecimento de seu titular, houve, então a transferência do arquivo. A ideia das filhas foi dar esses materiais à neta de Dorico, pois esta, na época cursava história e tinha gosto por “coisas velhas”. Ao receber as duas sacolas com os documentos, todos foram higienizados, digitalizados e postos em uma caixa de arquivo.

A doação desses “papeis velhos” à sobrinha, neta de Dorico, possibilitou que este, juntamente com a esposa, ganhassem um arquivo, uma vez que deu a esses tantos documentos a possibilidade de tornarem-se fontes históricas em potencial. A trajetória feita por esse conjunto documental não só ativou uma nova custódia, mas um novo *status*. O olhar do pesquisador precisa levar em conta tais apontamentos. É importante não perder de vista que as filhas de Dorico e Soalda receberam o arquivo por herança e chega a sobrinha/neta sem a transmissão direta, ou seja em vida ou testamento.

Em princípio, para muitos pesquisadores, de distintos campos, o arquivo pessoal de Dorico poderia ser considerado como detentor de uma “escrita de si”, pois ajudaria a montar uma história de vida, a partir de seus próprios guardados. Uma afirmação perigosa. Nem todo arquivamento pode ser considerado uma forma de “escrita de si” (HEYMANN, 2012a). Esse é um cuidado mais que necessário que o pesquisador deve ter, sobretudo quando se trata de arquivos acumulados por indivíduos, não se pode generalizar. É certo que existem arquivos pessoais que podem ser entendidos como “escrita de si”, mas nem todo arquivo pessoal pode ser considerado desta forma. Para Heymann (2012a), pôr todos os arquivos pessoais como “escrita de si” equivale a ignorar a diversidade de que são dotados os arquivos. Este é o caso do arquivo de Dorico.

---

<sup>4</sup> O bairro do Pântano do Sul localiza-se a vinte sete quilômetros do centro de Florianópolis. É conhecido por ser uma colônia de pescadores artesanais.



Há, por certo, uma intencionalidade em guardar tantos papéis, não sendo exclusividade de Dorico, mas de todos os que mantêm arquivos pessoais. Todavia, no caso deste senhor, uma intenção fica muito evidente desde o primeiro encontro com o conjunto de documentos por ele acumulado: a preocupação com o futuro e a busca pela aposentadoria. Essa intenção caracteriza o conjunto como sendo dotado principalmente de documentos com caráter probatório. Guias de recolhimento, certificados de pesca, recibo de contribuição à Colônia de Pescadores (Figura 1), Carnê e cartas do INPS (Figura 2), são muitos dos papéis que compõem o arquivo de Dorico. As razões que agem na seleção e guarda de registros pessoais são diversas, mas no caso de Dorico, a razão permeia a expectativa de uma vida mais segura no futuro. A expectativa no caso é a aposentadoria.

Figura 1: Recibo Colônia de Pescadores



Fonte: Acervo da autora

*Recibo de Contribuição – Cr\$ 10000*

*O Pescador Odorico<sup>5</sup> Gregório Mariano matriculado sob o nº 13110 e associado desta Colônia pagou a quantia de Cruz 10000 correspondente a FV a Março Pântano do Sul*

*Em 1 de 3 de 1964*

*José T Mariano*

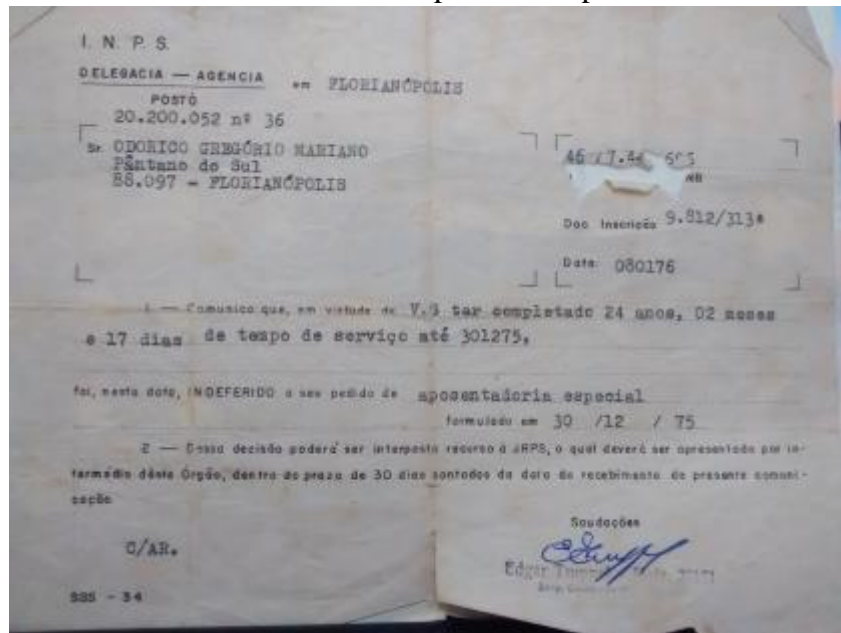
<sup>5</sup> Os documentos pertencentes a Dorico, muitas vezes encontram-se como “Odorico”, esse erro acompanhou este senhor por longos anos, até que por fim, suas filhas conseguiram oficializar a partir da identidade seu nome como Dorico Gregório Mariano, suprimindo a letra inicial “O”.





*Tesoureiro*  
*(Modelo oficial da Confederação Geral dos Pescadores do Brasil)*

Figura 2: Comunicado do INPS sobre o pedido de aposentadoria de Dorico



Fonte: Acervo da autora

*1 - Comunico que, em virtude de V.S ter completado 24 anos, 02 meses e 17 dias de tempo de serviço até 301275, foi, nesta data, INDEFERIDO o pedido de aposentadoria especial formulado em 30/12/75*

*2 - Dessa decisão poderá ser interposta recurso à JRPS, o qual deverá ser apresentado por intermédio dêste órgão, dentro do prazo de 30 dias contados da data do recebimento da presente comunicação.*

*C/AR.*

As figuras acima são alguns dos documentos encontrados no arquivo. Tanto esses documentos expostos como outros de Dorico vão ao encontro do que Lago (1996), observa em sua pesquisa com moradores de Florianópolis:

Em relação à grande instabilidade do trabalho na lavoura e na pesca dependentes ambos das forças da natureza que não são controláveis pelo homem, especialmente no caso da pesca em que se acrescenta o perigo (o imponderável, o verdadeiramente incontrolável), o trabalho estável, com um ganho fixo ao final de cada mês (mesmo que seja o salário mínimo), com folgas semanais, férias e aposentadoria, apresenta-se como muito atrativo. Tão desejável que alguns chegam a se desfazer de seus bens e migram para a

cidade atrás de emprego. Ganhar salário, ter INPS, aposentadoria por tempo de serviço, é uma forte aspiração. (LAGO, 1996, p. 180)

A pesca foi o sustento seu e de sua família, mas o ofício exige muito e as garantias ofertadas são poucas. Portanto, quando se encontra com um arquivo pessoal, sem cadernos, diários e fotografias, mas sim com papéis relacionados ao ofício da pesca, carteira de trabalho, nota-se que a intencionalidade da construção desse arquivo está voltada ao devir de uma vida estável e sem muitas intempéries. Guardar, assim, tantos papéis, tantos recibos, certificados, é uma forma de comprovar seu ofício. O papel grafado, para Dorico dá a garantia para um futuro mais estável.

Esse lugar crescente da escrita na vida de todo dia tem como consequência uma gestão diferente dos nossos papéis. Assim, é imperativo na nossa sociedade manter arquivos domésticos, para retomar a terminologia de Daniel Fabre e dos antropólogos da escrita ordinária. Para termos direitos sociais, um seguro social, é preciso apresentarmos arquivos: uma conta de luz, de telefone, um comprovante de identidade bancária. Sem esses documentos, somos imediatamente excluídos. O drama de muitos daqueles que hoje chamamos na França de SDF, ou seja, *sans domicile fixe*, também tem a ver com o fato de que eles foram maus arquivistas das suas vidas. Eles não guardaram os seus papéis, jogaram-nos fora por descuido ou, mais frequentemente, porque não conheciam o seu valor. (ARTIÉRES, 1998, p. 13)

Os papéis com a escrita comprovam e dão garantias, sabendo disso, e mesmo com suas limitações Dorico, guardou muitos documentos, pois eles lhe dariam direitos sociais, lhe garantiriam a tão almejada aposentadoria.

De uma maneira mais ampla notou-se a intenção de aposentar-se, entretanto, outra questão que também vai ao encontro da citação de Artières (1998) logo acima foi observada: a importância de documentos escritos que ajudam a comprovar algo, sua função utilitária. Dorico guardava os carnês de pagamento de IPTUs e as contas de luz. Sobre esta última ainda é importante frisar que este senhor guardou um recibo da instalação da luz elétrica (figura 3) em sua residência.

Figura 3 - Recibo de indenização (Instalação) do morador Dorico Gregório Mariano



CENTRAIS ELÉTRICAS DE SANTA CATARINA S. A.  
SETOR DE FLORIANÓPOLIS  
RUA JERÔNIMO COELHO, 32 - FONES : 3027

**RECIBO DE INDENIZAÇÃO** Nº 186

Cr\$ 2,50

Recebemos do Sr. Odorico Gregório Mariano  
a importância supra de Cr\$ 2,50 (dois cruzeiros  
e 50 centavos) como indenização pelos materiais aplica-  
dos no assentamento do medidor sua instalação

CONSUMIDOR Odorico Gregório Mariano  
ENDEREÇO Pantano do Sul POSTE 52  
ZONA 24 CONTA MEDIDOR CELESC

FLORIANÓPOLIS, 24 DE ABRIL DE 1967

RECEBEMOS

Fonte: Acervo da autora

*Recibo de Indenização – Cr\$ 2,50. Recebemos do Sr. Odorico Gregório a importância supra de Cr\$2,50 dois cruzeiros novos e 50 centavos como indenização pelos materiais aplicados no assentamento do medidor sua instalação.*

*Consumidor Odorico Gregório Mariano  
Endereço Pantano do Sul fonte 52  
Florianópolis 24 de abril de 1967*

Trata-se de um documento que dá garantias à Dorico, comprovando o pagamento e, assim, por direito a luz elétrica em sua casa. Como bem salientado por Maria Teresa Santos Cunha (2012, p. 24), “a escrita registra, grava e conserva para as gerações futuras”, de tal modo que este documento escrito gravou e conservou, e, acima de tudo, pode ser compreendido com um documento oficial que ostenta insígnias de uma instituição que é responsável pela distribuição de luz elétrica em Florianópolis.

Os documentos encontrados no arquivo de Dorico são predominantemente seus, pois em sua grande maioria apresentam seu nome, entretanto há indícios da presença de sua esposa Soalda. Ao percorrer os documentos, encontram-se algumas imagens de santos, lembrancinhas de missa, carteirinha de vacinação e do dízimo com o nome de Soalda<sup>6</sup>. Esses

<sup>6</sup> O casal era frequentador da Igreja Católica do Pântano do Sul.



documentos mostram que além de uma vida religiosa ativa, possivelmente o casal (ou um deles) considerava importante guardar papéis que remetiam à Igreja.

É preciso frisar também que, ao levantar todos os documentos notou-se que o arquivo era revisitado algumas vezes ao ano e porque não dizer por mês. Pois além de ter as contas de luz – que faz com que os titulares mensalmente insiram mais um papel – há a presença da carteirinha de idoso do transporte coletivo de Florianópolis, carteirinha de saúde do Hospital Universitário de Florianópolis (HU/UFSC), documentos que são necessários para circular em alguns ambientes. Por tanto, todos os documentos ficavam juntos, indiferente do tipo e do grau de importância.

Mesmo com as elucidações neste artigo e com a tentativa de compreender um arquivo pessoal é sempre bom ressaltar, as intencionalidades do arquivo estão muito além da compreensão e dos caminhos percorridos pelo pesquisador “No final quando se trata de arquivos acumulados na intimidade, resta sempre uma margem considerável de indeterminação quanto ao que ficou guardado por apego, propósito ou acaso”. (NEDEL, 2014, p. 140). Com o arquivo pessoal de Dorico o mesmo pode ser levado em consideração.

Por mais pessoal que seja um arquivo, por mais que apresente nitidamente um dono e “autor”, ajuda também a compreender um tempo e um grupo. Um tempo em que era comum os moradores interioranos de Florianópolis dependerem quase que unicamente da pesca, da agricultura e pouco contato tinham com a parte urbana de Florianópolis, muitas vezes chamada (até hoje) por “cidade”<sup>7</sup>. Um grupo de homens e mulheres com pouca escolaridade, com pouco contato com a “cidade”, que nasceram e construíram suas vidas quase sempre no mesmo local. Pessoas que viram no seu cotidiano as dificuldades e viram a necessidade de se lançarem ao mar (os homens) para sustentar a família.

## **UM ARQUIVO PESSOAL E AS POSSIBILIDADES DE PESQUISA**

O arquivo pessoal construído por Dorico, e porque não dizer também por sua esposa, deixa transparecer uma história mais voltada para a vida prática e profissional. O que se delineia no arquivo é um homem pescador, bastante pobre, com pouca escolaridade e

---

<sup>7</sup> É Comum os moradores da parte interiorana de Florianópolis denominarem de “cidade” o centro de Florianópolis. Segundo Falcão (2010, p. 266), esses moradores não se viam como integrantes de Florianópolis “que melhor correspondia a outro lugar não apenas pela distância física, mas sobretudo, peça distancia cultural exercida pelos cidadãos, para quem o cotidiano daquelas áreas “não contava para a vida da cidade”.

praticamente nenhuma escrita pessoal. O pouco que este senhor escreve é sua assinatura, em uma letra bastante infantil, o que pode induzir que pouco escreveu, mas muito utilizou-se dos documentos escritos e muito os valorizou.

A intenção de acumular documentos não pode ser diretamente associada a um desejo de se guardar, de se perpetuar, esta uma afirmação bastante utilizada por pesquisadores quando se trata de arquivo pessoal. É essencial compreender as especificidades de cada arquivo, conhecer seu titular, os documentos que integram o conjunto, ter em mente que descartes, seleções e ocultações foram efetuados, que a completude é uma ilusão, e ainda, que nenhum arquivo nasce de maneira espontânea, “natural”. Existem intenções por trás destes arquivamentos, e, portanto, usos para estes guardados. É necessário levar em conta cada detalhe encontrado e é preciso haver um olhar crítico acima de tudo, como afirma Heymann (2012b, p. 73):

Para uma linha de reflexão crítica acerca das fontes pessoais passou a ser importante, portanto, investir não apenas no conteúdo dos documentos, mas nas condições de sua produção, nos padrões e nas regras de apresentação de si que regem inclusive as formas de comunicação mais íntimas.

Um arquivo pode ser sempre revisitado, elementos podem ser acrescentados ou excluídos. Ele pode ser montado em um momento da vida que seu titular possui um determinado perfil, mas também é preciso estar ciente de que as pessoas mudam e que longo da vida seu perfil pode ser alterando, ganhando outros contornos. Por consequência, seu arquivo também o acompanha, podendo sofrer modificações.

Tudo aqui apontado sobre a vida de Dorico está em seu arquivo pessoal? É certo que não, mas quando observado o arquivo de uma forma mais ampla, quando observado o seu titular, a história do arquivo e as histórias possíveis dentro dele nota-se que há um leque de possíveis estudos, com múltiplas entradas de pesquisa. Compreender um arquivo pessoal é ampliar o estudo para além de uma história de seu titular.

## REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista Estudos Históricos Arquivos pessoais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol. 11, nº 21, 1998, p. 9-34.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Rastros de leitura: um estudo no acervo de livros do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 60 do século XX). **Educação**. Porto Alegre, v.35, n. 1, p. 18-27, jan./ abr. 2012.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v.4, n. 1, p. 5 – 22, jan/jun. 2012.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Rugas e dobras: marcas do passado na cidade contemporânea**. In: Francisco Alcides do Nascimento1. (Org.). Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras. 1ed. Teresina e Imperatriz: EDUFPI e Ética, 2010, v. 1, p. 253-270

HEYMANN, Luciana Q. “Se arquivar: arquivos pessoais como escrita de si?”. In: MONTENEGRO, Aline, MAGALHÃES BEZERRA, Rafael Z. (orgs.) **Coleções e Colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012a, pp. 51-59.

HEYMANN, L. **O Lugar do Arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2012b. (Introdução e cap. 1)

LAGO, Mara Coelho de Souza. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.

NEDEL, Leticia. “Da sala de jantar à sala de consultas: o arquivo pessoal de Getúlio Vargas nos embates da história política recente”. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle e HEYMANN, Luciana. **Arquivos Pessoais: reflexões disciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: FAPERJ /Ed. FGV, 2014, pp. 131-164.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, n. 10, dez. 1993.